

## DO CRU AO COZIDO \*

(Ensaio sobre o tempo mítico dos Krahô)

*Vilma Chiara*

(École Pratique des Hautes Études, Paris)

A análise de alguns dados etnográficos ou daqueles contidos na mitologia de uma tribo indígena é empresa tão complexa que nós nos conformaremos, neste trabalho, com assinalar uma faceta dessa complexidade, que poderá ser, posteriormente, ampliada.

Essa faceta, já por ser bastante extensa e difícil de se resumir, se refere a um jogo de duas oposições: cru-cozido e fogo-água. A dificuldade no tratamento desse assunto reside no fato de essas oposições serem dotadas de movimento, alternância, e se resolverem numa ordem cronológica do universo Krahô.

Procuraremos não estabelecer comparações entre os dados adquiridos em nossas pesquisas de campo e os que encontramos na bibliografia sobre outras tribos Jê e muito menos ventilaremos o significado de fogo-água, cru-cozido, etc. em outras culturas sul-americanas. Comparações desse tipo nos parecem precoces, dada a extrema complexidade em que os símbolos evoluem no seio da sociedade que estudamos no momento.

Quando lemos Lévi-Strauss em "Le Cru et le Cuit", por exemplo, as considerações sobre as oposições cru/cozido, o lugar semântico do podre, o da mulher e do homem, nos inteiramos dos caracteres mais amplos dos sistemas simbólicos dos Macro-Jê. Assim é que, quando nos aprofundamos nesses detalhes e procuramos as relações mais sutis que existem entre eles e entre outros símbolos, temos uma visão global que facilitará todas as tentativas de comparações futuras.

Escolheremos, pois, um trecho da obra acima mencionada. Na pág. 337 temos:

---

\*) — Comunicação apresentada na XI Reunião da Associação Brasileira de Antropologia (Recife, Pe., 1978).

“Reportemo-nos pois ao mito da Estrela, esposa de um mortal (M87 a M93) para verificar que entre todos os Jê, matrilineares ou patrilineares, a mulher está em posição céu, o homem em posição terra. A inversão imposta pela infra-estrutura se produz em outro lugar: de benfeitora da humanidade, introdutora das plantas cultivadas, a heroína sherente se transforma em princesa canibal. Enquanto que, nas outras versões ela tinha nojo dos alimentos podres<sup>1</sup> de uma humanidade pré-horticultora; o homem, por sua vez, indo ao céu, ficou nauseado à vista dos cadáveres assados e defumados”. (Tradução da autora).

Há porém certa nuance no enquadramento do elemento podre que não transparece nessa análise e que podemos aqui acrescentar.

Na página 190, Lévi-Strauss coloca em termos de igualdade o “fedido” e o “podre” (este último, no caso, está no contexto de “puba”): “. . . em todos os nossos mitos, a podridão era o simétrico e o inverso das plantas cultivadas”, e mais adiante: “. . . o gambá<sup>2</sup> personifica duplamente uma anti-agricultura que é também um pró-agricultura”. Na página seguinte, lemos: “Porque o gambá é a ‘mãe de leite’ por excelência, e ele fede.”

O mau-cheiro, pelo menos entre os Krahô, não se confunde com “puba” o que, por seu lado, não se confunde com podre. Digamos que essas três características se encontram, na clássica oposição Jê, ao lado de outras como: água parada, água de chuva, agricultura, mulher, noite, sombra etc., e não ao lado de água corrente, caçada, homem, dia, claridade etc.

É a ingestão de *madeira* puba que precede a agricultura e não o podre-fedido no mito da Mulher-Estrela entre os Krahô<sup>3</sup>. A madeira recebia então, o mesmo tratamento posterior das raízes de mandioca. A escolha desse preparo não deixa de ser significativa, pois está de acordo com as características da oposição: sólido, compacto/mole, encharcado. Se quisermos, podemos colocar ao lado desta última a classificação podre do cadáver, que se divide em: ossos (duro) e carne (mole). Mas nesse caso, a análise abrange todos os elementos divididos em Este e Oeste, torna-se grosseira e perde sua razão de existir.

Retomemos o fio da nossa intenção, que é a de desviar a atenção da bipolaridade do sistema para colocá-la na dimensão temporal que é expressa pela qualidade que têm o fogo e a água, de transformar a humanidade, sem destruí-la.

A oposição que aqui percebemos, na teoria do tempo entre os Krahô, é a que se opera entre o tempo linear ininterrupto, que vai de Leste a Oeste da Terra, e o tempo cíclico que modifica alguma coisa através das categorias homem-Terra, mulher-Céu. Leste e Oeste se referem à Terra. Trata-se de uma orientação espacial visualizada pelos índios como um movimento “horizontal” do tempo.

Como diz o mestre estruturalista à pág. 14 da mesma obra, “Tal como os ritos, os mitos são in-termináveis”. A mitologia Krahô está em pleno desenvolvimento e seus mitos vivem hoje segundo o mesmo esquema temporal marcado pela sequência fogo-água, cru cozido. Seus ritos se tornam movimento religiosos atualizando o ambiente mítico.

Veremos, pois, como os mitos se ordenam numa “história mítica” e finalmente como eles fornecem a base para as conclusões e racionalizações que os Krahô produzem face às situações aculturativas.

Os mitos que constam da publicação de Harald Schultz esgotam praticamente o *corpus* que levamos em conta neste trabalho<sup>3</sup>. Desde 1954, e mais intensivamente depois de 1970, tivemos a oportunidade de fazer várias pesquisas de campo. Os mesmos mitos nos foram relatados sempre, surgindo freqüentemente quando se tocava em assuntos a eles relacionados. Ao falarmos do cavalo como trazidos pelos brancos para a região, fomos contestado pelo relato de um mito no qual um homem e suas filhas se transformaram em cavalos, dando a origem do animal antes da chegada do civilizado. E assim por diante.

Procuraremos ordenar os principais mitos segundo uma sequência “histórica”. A criação da humanidade seria o primeiro, porém existem certas reflexões que os índios emitem, e que antecedem esse tempo. Elas não chegam a ser propriamente mitos, mas nós as levaremos em conta. Assim é que, no início, a Terra era crua (*Pye-Terra, tam-cru* ou encharcado, enchente). Subitamente, ela pegou fogo (*Pye pôc* — ardente). Foi a própria terra que queimou, não o que está sobre ela, como acontece com as queimadas no cerrado ou nas derrubadas para a plantação.

Nada mais se acrescenta a esse simples fato. Em seguida, começam os mitos:

#### 1 — *O ciclo de aventuras de Sol e Lua*

O Sol e Lua eram dois companheiros. Dos dois, o Sol se distingue como criador e a Lua, instigadora de criação, porém com um particular: ela pede ao Sol (ou influi) para tornar o mundo mais difícil para os homens que serão criados<sup>4</sup>.

Foi então que se deu o primeiro fogo que se alastrou pelo mundo, como o das queimadas que são ateadas anualmente no cerrado. Ele desceu de leste, do “pé-do-céu” e foi provocado por Lua.

Sol e Lua conseguem sobreviver, com dificuldades. Em seguida, Lua provoca uma enchente, também dentro das medidas de uma inundação normal que os índios, hoje, ligam à origem do mar.

O ciclo Sol e Lua termina com a criação de duas mulheres cujo papel é apenas, rapidamente, dar à luz muitos humanos. As leis e a ordem social já vividas por Sol e Lua, regem a aldeia.

## 2 — *O Fogo que assa carne; a Água da agricultura*

A humanidade não conhecia o fogo. No ciclo do Sol e Lua, a menção da utilização do fogo se limita ao fogo “natural”.

Antes de terem roubado o fogo da onça, os Krahô expunham a carne ao Sol, para poder comê-la. Não se menciona a agricultura.

O mito da agricultura, por sua vez, fala do regime alimentar em que os homens comiam carne assada com madeira puba. Nesse mito, uma mulher que é uma estrela (o planeta Vênus ou Estrela d'alva), desce do céu transformada num sapo. Esse detalhe merece consideração. Por três vezes, o sapo pula no peito do rapaz solteiro que dorme sozinho no pátio da aldeia. O sapo se faz presente quando chove. É um animal da umidade, da chuva, da enchente. A mulher-estrela, vendo que os homens só comem madeira puba<sup>5</sup> assinala a seu marido a existência de milho no riacho da aldeia. Depois disso, vai ao céu e de lá traz mandioca e batata-doce, além de outros alimentos. Isso estabelece uma diferença entre o milho e a batata-doce. O milho é “da terra” ou “do homem em posição terra” como diz Lévi-Strauss, e a batata-doce é do céu, da mulher.

Neste ponto da “seqüência histórica” dos mitos, surge um outro eixo que não se confunde com o “horizontal” do tempo linear. Trata-se de um eixo “vertical” céu-terra através da conjugação entre o mito da mulher-estrela (agricultura) e o do homem *Turkrê* que vai ao céu, trazendo de lá os ritos de iniciação e os cantos propiciadores da caça. A mulher-estrela desce à terra e termina por voltar ao céu, ao qual ela pertence. *Turkrê*, por seu lado, doente, sobe ao céu para ser curado e iniciado nos seus poderes sobrenaturais, e volta à terra como portador masculino de cultura. Através desse eixo “vertical” poderíamos desviar nossa atenção para o estudo da influência da agricultura e dos sexos nos rituais que orientam as corridas de toras, bem como o do sentido das iniciações dos adolescentes, o que será ventilado numa próxima publicação.

Voltando, pois, à seqüência fogo e água, cru e cozido, prosseguimos no tempo cíclico, quando já proprietários do fogo e conhecedores da agricultura, os Krahô interpretam o aparecimento do homem branco.

## 3 — *Aukê e sua transformação em homem branco*

Estudos sobre este personagem e sobre esse mito foram feitos por Roberto da Matta e Manuela Carneiro da Cunha. Aqui nos atemos ao papel do fogo nesta etapa “histórica” do passado Krahô.

Seria por acaso que *Aukê*, o menino prodígio, perturbador da ordem social e do tempo linear pelo seu comportamento, se transformou em homem branco após ter sido queimado?. No mito, seu tio procura matá-lo sem sucesso, somente conseguindo aniquilá-lo pelo fogo. Foi o fogo que causou

a sua transformação em homem estranho. Dessa maneira, o civilizado se entrosa na “história mítica” como um índio que se distanciou dos seus, dando origem a uma outra humanidade. Teudo queimado *Aukê*, os Krahô perderam todas as vantagens agora em poder do homem branco. Como re-adquiri-las? Certamente, segundo a seqüência fogo-água, através desta última. Foi assim que, continuando a viver num tempo mitológico inconsciente, o movimento religioso que eclodiu na década dos 50 obteve seus fundamentos psicológicos ativos, porque se baseou na água de chuva.

\* \* \*

### *Primeiro movimento religioso*

O messianismo Krahô foi estudado por Melatti. Se atentarmos para os detalhes contidos nessa obra, observamos alguns pontos que vêm confirmar a seqüência fogo-água. O líder carismático, ainda hoje vivo, é um curador. Como sabemos, o curador entre os Krahô deve ser iniciado em seus poderes sobrenaturais, por uma entidade estranha à sociedade. Este nosso curador o foi pela “chuva”. Usando a “água-de-chuva” como guia espiritual, ele conseguiu levar seus companheiros da aldeia a um movimento religioso.

Como no caso da execução de *Aukê*, o líder religioso procedeu por tentativas. Lemos no livro de Melatti que, no auge do movimento, quando estava eminente a transformação dos índios em brancos-possuidores-de-bens da civilização, ele anunciou a aproximação de uma tropa de burros com enorme quantidade de mercadorias a eles destinada. Pediu então, que se fizesse silêncio, que se concentrassem para permitir a chegada da tropa. Mas ninguém estava psicologicamente motivado e todos continuaram a falar, a movimentar-se. Com isso, a tropa retrocedeu, deixando o líder tomado de raiva e desespero. Porém, na seguinte tentativa, o mesmo líder previu a chegada da mercadoria pelo pequeno riacho da aldeia.

Do ponto de vista de nossa lógica e de nossa objetividade, esta nova modalidade de “adquirir mercadorias” seria absurda. Um enorme barco, carregado, não poderia subir o pequeno curso de água que não permite a passagem mesmo de uma pequena canoa. Além disso, a tropa de burros era, e ainda é, o meio de comunicação comercial mais corrente naquela região de cerrado. Pois bem, na lógica Krahô segundo a ambiência mítica, estando presente na sua mente que os eventos em curso estavam sob a égide da água (de chuva, de enchente), a operação seria miraculosamente exequível.

Quando o barco foi anunciado, todos se calaram. A expectativa foi febril. Todos ouviram o roncar do possante motor do barco e o clamor da enchente que vinha “de Oeste”, isto é, da foz para a nascente do riacho permitindo a sua navegabilidade. A Água corrente se tornou água de enchente. Em vez de descer, subiu. Era o mundo às avessas, a inversão que levava os índios à posição do branco e vice-versa<sup>6</sup>.

4 — *Cru e cozido*

Nessa última dupla de acontecimentos “mítico-históricos”, não encontraríamos a coordenação cru e cozido que existe na primeira (o sol assa a carne das capivaras mortas pelo fogo que se alastrou) e na segunda (com o roubo do fogo, a carne passou a ser assada) se não tivessemos sido testemunha de uma tomada de consciência, atualmente, dessa ligação. Aliás, foi uma observação emitida por um jovem índio a respeito do “estado cru, do Krahô” e do “cozido”, do civilizado, que levantou o problema, levando-nos a procurar no tempo mítico, as situações correspondentes.

Preferimos nos reportar a um relato livre baseado nas nossas notas de campo.

Em 1975, durante minha estadia na aldeia da Pedra Branca, mantive, um dia, uma entrevista com um jovem de mais o menos 25 anos. Falávamos informalmente sobre os poderes dos curadores, as feitiçarias que estes praticavam, seus perigos etc. Diante das minhas perguntas, e estando patente a minha ignorância na matéria, o jovem Pascoal me fez notar que, por mais que tentasse, não poderia jamais compreender ou sentir os perigos das feitiçarias como um deles.

— “O feitiço do Krahô não pega no *cupen* (branco). Não sei porquê. Olha o Dodanin (vizinho civilizado). Se feitiço pegasse, ele já estaria morto. Todos os curadores tentaram, fizeram de tudo. Qual, não pega mesmo. Eu acho que é porque o *cupen* tem sangue cru”.

Ao meu olhar surpreso e interrogativo, ele me perguntou:

— “É verdade que *cupen* tem sangue cru e nós, índios, temos sangue cozido? Como é isso? Você sabe?”

A pergunta, feita a queima-roupa, inquisitiva, me deixou perplexa.

— “Será?” respondi eu, “Quem te disse isso?”

— “Minha avó” (Pascoal é Apinajé. Seus pais vieram morar na aldeia Pedra Branca quando ele ainda não andava) “É, eu acho que é isso mesmo. Porque senão, feitiço pegava também no *cupen*”.

Essa inclusão no assunto ao qual me dedicava naquela época, ficou anotada.

Quando tive a oportunidade de dirigir a conversa para uma certa oposição entre índios e civilizados, com um velho e bom informante, *Atorcó*, dirigi-lhe a mesma pergunta:

— “É verdade que o índio tem sangue cru e o civilizado tem sangue cozido?”

E ele respondeu:

— “Não sei, nunca soube disso. São os moços que estão falando assim. Eu já ouvi falar, agora. Mas não é coisa dos antigos”.

Assim, terminou esse assunto naquele ano.

Em 1976, ao voltar aos Krahô, já tinha tido tempo e recuo para refletir sobre o problema. O fato de *Aukê*, o elo mitológico de ligação entre índio e branco, ter sido queimado poderia ter suscitado a reflexão. Procurei, então, reatar a conversa com Pascoal lá onde a tinha deixado.

— “Eu pensei”, disse a Pascoal, “naquela estória do sangue cru e sangue cozido. Porque será que o sangue do *cupen* cozinhou? Quando cozinhou? Deve ter acontecido alguma coisa que cozinhou o sangue dele”.

Isso dito, esperei, com ar de quem procurava uma solução.

Depois de alguns segundos, ele disse:

— É, tem uma história, sim, de um homem que queimaram. Não lembro nome dele, não sei bem como foi, só sei que esse virou *cupen* porque queimaram... Sim! *Aukê* o nome dele. Ele ficou com o sangue cozido.

Depois dessa entrevista, procurei sondar os mais velhos usando o mesmo caminho. David e Pedro Penõ, são informantes tendenciosos, que procuram, quando possível, mostrar-se mais próximos dos hábitos dos civilizados. Ambos chegaram, separadamente, à conclusão de que, uma vez queimado e saído como homem branco das cinzas, *Aukê* tinha o sangue cozido.

A caracterização mitológica das identidades índio-civilizada está se concretizando neste momento. Na aldeia Cachoeira não tive a oportunidade de questionar os índios a esse respeito, mas os índios mais velhos de Santa Cruz não reagiram ante a minha pergunta: “É verdade que o índio tem sangue cru e o civilizado, cozido?” “Apenas declaram não saber.

\* \* \*

### *Segundo movimento religioso*

Durante a minha última estadia no campo, deparei com o esboço de um novo movimento religioso.

Conhecendo o mecanismo em que se baseou o movimento da década dos 50 e julgando conhecer a manifestação da dupla fogo-água no tempo mítico, preparei-me para testar a validade de tal observação. Seria possível prever o sucesso ou insucesso dos líderes, a intensidade do movimento? Seguiria este a mesma linha que o anterior? Se assim fosse, qual o elemento que teria mais chances de despertar a lógica mítica na mente dos Krahô? O fogo, uma vez que o anterior se tinha realizado sob a égide da água? E se a

ineficácia final daquele movimento levasse à insistência, elegendo-se novamente a água como a inspiração básica?

Quem poderia dizer, também, se os movimentos religiosos consecutivos seguem sempre o mesmo esquema?

Em todo caso, ele não teve sucesso. Durante duas semanas os índios passaram por fases de susto, crença e desapontamento que, felizmente, não foram muito intensas.

O tema do movimento não se baseou em simples inversão da situação índio-branco como parece ter sido o do anterior. Dois jovens de respectivamente 25 e 27 anos, mais ou menos — Marcolino e Raimundo Zezinho declararam ter recebido uma comunicação de “Eva”. Uma luz como de lanparina surgiu, ao cair da noite, no alto da meseta que avezinha a aldeia Pedra Branca. Chovia copiosamente havia vários dias.

Os índios não revelavam facilmente o que se passava. Chegavam aos meus ouvidos pequenos comentários sussurrados com receio. Depois de alguns dias, tive o ensejo de saber mais.

Num abrigo ou nicho da parede da meseta havia um “altar” como os dos cristãos. Uma imagem de papel, de Eva ou Nossa Senhora, era de quando em quando mostrada aos índios que ficavam mais longe. Ruídos sonoros eram ouvidos partindo de onde estava instalado o altar. Havia um “telefone” com um longo fio que descia do morro e se perdia no sopé. Não consegui obter uma descrição desse aparelho que os índios não viam muito bem. Parece que era uma caixinha que Marcolino colocava na orelha para ouvir ou na frente da boca, para responder.

Marcolino, que parece ter sido mais ativo do que Raimundo, medicava os fiéis. Por meio de um “relógio” atado ao pescoço, diagnosticava, aplicando-o no peito, nas costas, na perna etc. do paciente. Depois dava uma colherinha de um líquido cristalino e doce contido num vidro. Não fui convidada a assistir a essas sessões; ao contrário, os índios procuraram evitar que eu soubesse o que se passava.

Não se tratou, porém, só de consultas e sessões de cura. Como as chuvas caíam abundantes e duravam já dias, os índios começaram a terem uma enchente de dimensões catastróficas. A possibilidade de que isso acontecesse seria explicada numa carta enviada por Eva. O texto dessa carta devia ser transmitida a todos os brancos pois nele estaria expressa uma ameaça de dilúvio e a demanda de dinheiro para que Deus fosse desviado de seus intentos.

Uma outra versão é que iria cair dinheiro do céu para os Krahô.

Porém, nem toda a aldeia aderira aos dois jovens curadores, mas apenas as famílias com eles aparentadas. Outros curadores se mostravam des-

crentes e não queriam ir com os outros à meseta. Um dia, o fio do telefone de Marcolino amanheceu cortado, o altar profanado. O “relógio” ou melhor, uma parte de um estetoscópio, uma enxada velha que produzia os ruídos, a imagem de Eva, tudo tinha desaparecido.

Imediatamente cerca de dois terços da população da aldeia se retirou para os acampamentos da roça. Uns diziam que eles iam construir uma aldeia como na rua, outros, que a luz ia aparecer numa meseta lá perto. Entretanto, membros do conselho que lá estavam vieram e procuraram restabelecer as boas relações entre os crentes e não-crentes.

Não sabemos como poderiam ser enquadrados os elementos como fogo, água, cru e cozido em outros sistemas simbólicos de outras tribos Jê. Em todo caso, nem sempre se pode considerar o cru como natural e o cozido simplesmente como sinal de transformação cultural.

\*

A oposição Este e Oeste, que divide todos os elementos do universo, não explica as categorias fogo, água, cru e cozido. Não se pode negar uma aproximação entre a água de enchente e oeste, lua, estação chuvosa; o fogo com o calor, seca, sol. A palavra *tam* quer dizer ao mesmo tempo cru e enchente. Porém, o contexto mítico mostra que há, além disso, outras conotações mais importantes.

O cru é uma situação anterior à conquista do fogo pelo homem. A água de chuva — *tam* — não tem uma ligação apenas estática com o cru, mas ela é parte da agricultura que é posterior ao cru e cozido, e ao fogo.

A relação entre todos esses elementos é dinâmica não só no tempo mítico, mas no mito vivido na realidade quotidiana. Quando termina no pátio uma festa em que se fez uma fogueira, ela é apagada pela água (por motivos práticos, diga-se de passagem). Quem observar como os Krahô fazem suas refeições notará que eles só bebem água no fim. “Se comer só fruta, pode beber água no meio”, foi uma das respostas que obtive. É, portanto, a comida cozida que toma o lugar do fogo, e a água o segue.

O mito de *Turkê* é importante na coordenação entre céu, mulher, agricultura e terra, homem, caçada e cozido. O fogo é aquisição do homem e por isso, quando *Turkê* vai ao céu, come carne crua entre os gaviões. Comer carne crua, e no céu, é uma confirmação de uma situação limiar do homem. *Turkê* doente, é iniciado nos poderes sobrenaturais, aprende as festas de iniciação dos adolescentes.

A alternância fogo água é uma demonstração da dinâmica do sistema simbólico Krahô. Ela existe enquanto existir a vida. A escuridão total, na escatologia Krahô, representa o fim; “fogo não pega, nem faisca, nada”; não haverá então fogo, nem alternância, nem movimento, nem tempo.

## NOTAS

(1) — Traduzimos o termo francês *pourri* por *podre*, mas na realidade se deveria transcrevê-lo por *puba*, conforme o original dos mitos Je. *Puba* quer dizer amolecido na água e pré-fermentado. Acrescenta-se que o ponto importante, no caso, é que os homens antes da agricultura comiam madeira *puba*.

(2) — No texto francês, o animal fedido dos mitos Jê é *la sarigue*, ou *murca*. Na realidade, trata-se do gambá.

(3) — Ver H. Schultz na bibliografia.

(4) — Ver também Chiara e Melatti.

(5) — Sabemos que os Krahô, como é típico dos Jê em geral, opõem Sol à Lua da maneira como opõem a estação seca à chuvosa, o dia à noite, a claridade à escuridão, finalmente, o Nascente ao Poente. Essa dicotomia do universo Krahô não será tratada diretamente aqui, porém não podemos perdê-la de vista. O movimento religioso dos Krahô tem um caráter de inversão. Ele se enquadra pouco, na sua classificação mais fina, aos outros que suportam as rubricas: messianismo (não há um messias), milenarismo (não se trata de alcançar uma vida paradisíaca). Seria mais um tipo de *cargo-cult*.

(6) — Note-se que não se fala em coleta de produtos alimentares hoje conhecidos dos Krahô, mas focaliza-se a ausência dos produtos da agricultura. A madeira é tratada como a mandioca: *puba*.

## BIBLIOGRAFIA

- CARNEIRO DA CUNHA, M. — “Le mouvement messianique Canela de 1963: Logique du mythe et de l'action. (Le mouvement messianique Canela de 1963)”. *L'Homme*, vol. XIII, cahier 4. — 1973.
- CHIARA, Vilma — “Folclore Krahô”. *Revista do Museu Paulista*, N. S., vol. XIII, 1961/2.
- DA MATTA, R. — “Uma análise do mito de Aukê” in *Ensaio de Antropologia Estrutural*. Vozes, Petropolis, 1973.
- LÉVI-STRAUSS, C. — *Le cru et le cuit* — Mythologiques. Plon, Paris, 1964.
- MELATTI, J. C. — “O mito e o xamã”. *Revista do Museu Paulista*, N. S., vol. XIV, 1963.
- MELATTI, J. C. — *O messianismo Krahô*. Herder, S. Paulo, 1972.
- SCHULTZ, H. — “Lendas dos Índios Krahô”. *Revista do Museu Paulista*, N. S., vol. IV, 1950.